

Ilustração do demônio Moloch por Louis Le Breton, gravada por M. Jarrault (*Dictionnaire Infernal*, 1863). Arte de domínio público. Composição visual remixada.

DOI: 10.53981/destrocos.v6i1.56590
DOSSIÊ LIMIARES DESTITUINTES: POLÍTICA, DIREITO, TEOLOGIA E LINGUAGEM

HUMANIDADE INALCANÇÁVEL:
NOTAS SOBRE *A VOZ HUMANA* DE GIORGIO AGAMBEN*

Carlo Salzani
Messerli Research Institute, Viena, Áustria

Ermanno Castanò
Liceo Benedetto Croce, Roma, Itália

Resumo
O artigo propõe uma leitura de *La voce umana* (*A voz humana*, 2023), de Giorgio Agamben, no contexto do desenvolvimento de sua filosofia da linguagem, e se concentra especialmente nas consequências de sua teoria da "voz" para sua definição de natureza humana. Agamben estabelece um vínculo inextricável entre a voz humana e a natureza humana, mas sua teoria da voz como o que deve ser (inclusivamente) excluído para que surja o discurso significante (*logos*) também condena a definição da natureza humana a um adiamento infinito. Uma vez que a "verdadeira" voz humana surgirá somente quando a divisão entre *phoné* e *lógos* for superada, somente essa superação permitirá uma definição "autêntica" da natureza humana. É dada atenção especial ao fato de que essa teoria enquadra a voz humana e, portanto, os seres humanos, como uma exceção a uma animalidade supostamente uniforme e, assim, defende – talvez sem querer – uma forma de excepcionalismo humano.

Palavras-chave
Giorgio Agamben, voz nua, *logos*, natureza humana, excepcionalidade humana, animalidade.

LA HUMANIDAD INALCANZABLE: NOTAS A *LA VOZ HUMANA* DE GIORGIO AGAMBEN

Abstract
The article proposes a reading of Giorgio Agamben's *La voce umana* (*The human voice*, 2023) in the context of the development of his philosophy of language, and focuses in particular on the consequences of his theory of the "voice" for his definition of human nature. Agamben establishes an inextricable link between human voice and human nature, but his theory of the voice as what must be (inclusively) excluded in order for signifying speech (*logos*) to emerge also condemns the definition of human nature to an infinite deferral. Since a "true" human voice will emerge only when the division between *phonè* and *logos* is overcome, so only this overcoming will allow for a "authentic" definition of human nature. Particular attention is paid to the fact that this theory frames the human voice, and hence human beings, as an exception to an allegedly uniform animality, and thus upholds – perhaps unwillingly – a form of human exceptionalism.

Keywords
Giorgio Agamben, bare voice, *logos*, human nature, human exceptionality, animality.

Submetido em: 18/12/2024
Aceito em: 23/12/2024
Publicado em: 05/03/2025

Como citar: SALZANI, Carlo; CASTANÒ, Ermanno. Humanidade inalcançável: notas sobre *A Voz Humana* de Giorgio Agamben. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. e56590, jan./jul. 2025.

Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

* Uma versão deste artigo, em italiano, foi publicada na *RIFL: Rivista italiana di filosofia del linguaggio*, v. 18, n. 2, pp. 162-172, 2024. A tradução da versão em inglês para português foi viabilizada com apoio da Fapemig (Edital nº 008/2023).

Introdução

Em "Experimentum linguae," prefácio à obra *Infância e História*, escrito para a tradução francesa de 1989, mas adicionado também à tradução inglesa de 1993 (e à reedição italiana de 2001), Agamben afirma que *Infância e História* foi um prolegômeno a uma obra que permaneceu "teimosamente" não escrita, da qual restam apenas algumas notas, e que viria a ser chamada de *A voz humana*, ou, de modo alternativo, *Ética, ou da voz*.[1] Em 2023, mais de trinta anos depois, Agamben de fato publicará um livro com esse título, abordando um por um dos problemas que o filósofo listara em "Experimentum linguae",[2] e mostrando como a questão da linguagem, e em particular a da *voz*,[3] permaneceu o principal motivo para o qual seu pensamento sempre se orientou, para além das "viradas" que o levaram a diferentes direções e a lidar com outros temas. O trabalho de 2023 destaca um aspecto central dessa orientação, a saber, a ligação inextricável entre a questão da linguagem e da voz e a questão da "natureza humana". Ao sistematizar as perguntas e respostas que propôs de forma consistente ao longo de quase toda a sua carreira, Agamben oferece uma síntese e a palavra final sobre a ligação entre a linguagem e a humanidade. Embora as teses propostas sejam indubitavelmente consistentes com o quadro geral do seu pensamento, elas deixam muitos problemas sem solução e muitas questões sem resposta. São essas questões e esses problemas que gostaríamos de analisar brevemente aqui, a fim de mostrar tanto o potencial quando as limitações da proposta agambeniana no debate contemporâneo.

1. A questão da voz

Em "Experimentum linguae", Agamben define, através de uma série de questões, os termos em que a questão da voz aparece em seus escritos, e que, argumenta ele, a filosofia ocidental quase nunca colocou:

> Existe uma voz humana – pergunta ele –, uma que seja a voz do homem como o fretenir é a voz da cigarra ou o zurro é a voz do jumento? E, caso exista, é esta voz a linguagem? Qual a relação entre voz e linguagem, entre *phoné* e *lógos*? E se algo como uma voz humana não existe, em que sentido o homem pode ainda ser definido como o vivente que possui linguagem?[4]

[1] Agamben, *Infancy and history*, p. 3. [Nota da tradução: a edição brasileira, disponível pela Editora UFMG, de *Infância e História* foi elaborada a partir da reedição italiana, trazendo, portanto, a tradução em português do texto *Experimentum linguae* como prefácio: *Infância e História. Destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, pp. 9-17].

[2] Agamben, *Infancy and history*, pp. 3-4, 7-8.

[3] Outra evidência da centralidade desse conceito para o pensamento de Agamben é o título do seu blog, abrigado no site da Editora Quodlibet, *Una voce* (https://www.quodlibet.it/una-voce-giorgio-agamben).

[4] Agamben, *Infancy and history*, p. 3. Agamben usa sistematicamente o masculino "homem" como um neutro universal para denotar o ser humano. Embora esse uso ainda seja bastante comum, especialmente em línguas românicas, a crítica feminista nas últimas décadas mostrou que ele não é neutro nem irrelevante. Ao analisar a questão da "natureza humana", o desinteresse de Agamben pelas questões de gênero certamente constitui um ponto cego em sua elaboração, que o impede de levantar uma série de questões muito relevantes. Este ponto não pode ser

Esses termos permanecem praticamente inalterados desde as primeiras elaborações, isto é, dos anos setenta até *A voz humana*, e são redefinidos de tempos em tempos em uma série de refinamentos que não alteram sua substância. A filosofia da linguagem de Agamben, como notado por Justin Clemens, já nasceu madura e completa.[5]

As respostas de Agamben a essas questões são bem definidas também em seus primeiros escritos. Em "Experimentum linguae", Agamben aponta para a famosa passagem da *Política* de Aristóteles (1253a 10-18), em que o Estagirita estabelece a diferença entre voz e linguagem, entre *phoné* e *lógos*:

> Dentre os vivos, somente o homem tem fala [*speech*]. Voz [*voice*], na verdade, é o sinal da dor e do prazer, e por isso pertence também aos outros seres vivos (...); linguagem [*language*], por outro lado, é a manifestação do que é útil e do que é prejudicial, bem como do que é justo e do que é injusto; isso é o que é próprio do ser humano em relação aos outros seres vivos.[6] (Citado em Agamben, 2001: xii-xiii).

Essa passagem permanecerá central para toda a filosofia de Agamben, e a diferença entre *phoné* e *lógos*, arbitrária em última análise,[7] forma a base tanto de sua filosofia da linguagem quanto de sua visão da natureza humana. Em *A linguagem e a morte*, Agamben oferece uma interpretação dessa passagem que será a base para suas análises futuras: em suma, para que o *lógos*, o discurso significante, ocorra, a voz – que, para o ser humano, diferentemente do animal, é a intenção de significar – deve ser retirada e "recluir-se", constituindo assim a fundação do *lógos*. Essa é a fundação que "abre" o lugar da linguagem, mas que o faz num sentido negativo, desaparecendo. É, assim, uma fundação negativa, indizível e "mística".[8] A linguagem, escreveria Agamben mais de

---

desenvolvido ou "corrigido" dentro do sistema agambeniano, portanto não analisaremos ou corrigiremos seu uso aqui. No entanto, sentimos que é importante apontar e enfatizar essa limitação fundamental em sua análise da "natureza humana". [Nota da tradução: para as citações de *Experimentum linguae* e, de modo geral, de *Infância e História*, optamos por reproduzir e referenciar a tradução de Henrique Burigo publicada no Brasil, com pequenas modificações quando necessário para manter a opção do autor deste ensaio, sempre indicadas: *Infância e História*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, página 10.]

[5] Clemens, *Language*, p. 117.

[6] Agamben, *Infance and history*, pp. 7-8. Modificamos ligeiramente a tradução em inglês da passagem de Aristóteles para torná-la mais adequada ao vocabulário do próprio Agamben. [Nota da tradução: a passagem de Aristóteles foi traduzida direto do inglês do autor deste ensaio, para respeitar as modificações por ele anunciadas nesta nota e a adequação ao vocabulário de Agamben; mantivemos, assim, o termo em inglês usado pelo autor entre colchetes, logo após nossa tradução. Em português, as traduções de Λόγος (*lógos*) e Φωνή (*phoné*) na *Política* de Aristóteles costumam variar em relação ao primeiro termo, que é traduzido como palavra, linguagem ou discurso (*lógos*), mas mantêm-se invariáveis para o segundo, voz (*phoné*). Assim, o trecho da *Política* citado por Agamben, na tradução de Henrique Burigo, traz *lógos* como "linguagem" nas duas ocorrências (edição citada, 2005, p. 15)].

[7] Estudos recentes sobre línguas animais mostram que muitas delas (a diferença entre um *lógos* humano uniforme e um *phoné* animal igualmente uniforme e compacto obviamente não faz sentido) não se limitam a expressões de dor e de prazer, mas também alcançam, em várias formas, a manifestação "do que é útil e do que é prejudicial", e até mesmo "do que é justo e do que é injusto", de forma que a distinção aristotélica entre *phoné* e *lógos* não parece mais se sustentar. Agamben, embora cite alguns desses estudos (por exemplo, *Infancy and history*, pp. 56-57; *La voce umana*, p. 56), não tira as conclusões necessárias sobre a definição aristotélica, minando assim toda a arquitetura de sua própria filosofia da linguagem.

[8] Agamben, *Language and death*, pp. 87-88, 91.

trinta anos depois em "Experimentum vocis", "está na voz, mas não é a voz: ela está em seu lugar e no lugar dela".[9]

Isso significa, em primeiro lugar, que não existe uma voz humana real e que o ser humano é, portanto, "o animal sem voz" (*l'animale senza voce*),[10] o que cria uma falta e uma tensão que marca negativamente toda a metafísica ocidental. Isso obviamente também marca a definição do humano, que, como veremos, permanece suspenso, por assim dizer, nessa diferença e nessa falta. Por sua vez, falta e tensão geram um desejo *messiânico* (termo que não é explicitamente usado nos primeiros escritos de Agamben sobre a linguagem) de acabamento e completude, que consistiria em chegar a uma palavra que, por assim dizer, é "salva". Como escreveu Agamben na conferência "*Vocazione e voce"*, de 1980, numa fórmula que desde então se consolidou, essa palavra "salva" seria uma "palavra, que é, que foi a própria voz [dos humanos], assim como o canto é a voz dos pássaros, o fretenir é a voz da cigarra, e o zurro é a voz do jumento".[11] Em "*La fine del pensiero*" ("O fim do pensamento", um texto curto publicado no mesmo ano de *Language and death* e adicionado como epílogo à sua reimpressão italiana de 2008), esta situação de falta e ânsia é mencionada como a origem do próprio pensamento: "nosso ser único, sem voz no infinito coro de vozes animais" é essencialmente o que desencadeia tanto a linguagem quanto o pensamento: "E assim tentamos falar, pensar".[12]

Mesmo a partir desse breve esboço fica claro como os termos da "questão da voz" em Agamben estabelecem uma diferença essencial entre o humano e o não-humano ("nosso ser único") baseado, muito tradicionalmente, na linguagem. Contudo, Agamben rejeita os termos tradicionais dessa diferença e a redefine de modo novo e original. Em particular, para Agamben, o humano não é aquele ser que "tem" linguagem assim como se tem uma qualidade,[13] e, na verdade, está sempre em busca de uma palavra – e de uma natureza – que, como veremos, nunca consegue alcançar. Ainda assim, os termos de diferenciação permanecem os mesmos. A distinção entre *phoné* e *lógos* continua na origem dessa divisão e da necessidade de superá-la, como ocorre em toda a tradição ocidental.

2. A linguagem dividida

Para Agamben, a linguagem humana está dividida em muitos sentidos: não apenas em *phoné* e *lógos*, mas também em *onoma* e *lógos*, nomes e frases, *impositio* e *declinatio*,

[9] Agamben, *What is philosophy?*, p. 15.
[10] Agamben, *Vocazione e voce*, p. 88. Essa conferência não está incluída em *Potentialities*, de Agamben.
[11] Agamben, *Vocazione e voce*, p. 88.
[12] Agamben, *La fine del pensiero*, p. 137.
[13] Em *Infancy and history* (pp. 51-52) Agamben escreve: "Não a língua [linguagem] em geral, segundo a tradição da metafísica ocidental que vê no homem um *zôon lógon échon*, caracteriza o homem entre os outros seres viventes, mas a cisão entre língua [linguagem] e fala, entre semiótico e semântico (...), entre sistema de signos e discurso. Os animais, de fato, não são destituídos de linguagem; ao contrário, eles são sempre e absolutamente língua [linguagem] (...). Os animais não entram na língua [linguagem]: já estão sempre nela." [Nota da tradução: citado da edição de *Infância e história*, tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, página 63-64. Mantivemos o uso que o tradutor brasileiro fez de "língua", indicando "linguagem" entre colchetes, conforme à escolha do autor deste ensaio no original em inglês (*language*)].

léxico e fala em ação, *langue* e *parole*, etc., e é essa estrutura dupla que, escreve Agamben, a distingue das linguagens animais.[14] O fato de a linguagem humana estar dividida, de não ser o fenômeno unitário que são (de acordo com Agamben) o zurro do jumento ou o fretenir da cigarra, tem consequências que determinam não apenas a definição de humano (ou melhor, de "homem"), mas também a de metafísica, de história e de política humanas. Ou seja, a estrutura dividida da linguagem funciona, para Agamben, tanto como origem quanto como modelo de todos os fenômenos que determinam a história humana e a sociedade. Nesse sentido, serve definitivamente de arquitranscendental que determina todos os outros fenômenos.[15]

Já em "Experimentum Linguae", a questão fundamental é a da articulação entre os dois elementos separados. A referência chave para Agamben (também recorrente desde então) é igualmente Aristóteles, mas dessa vez numa passagem de *De interpretatione*, em que procura o que articula a transição da voz animal para o *lógos* – e, consequentemente, da natureza para a *pólis* – que Aristóteles identifica em *grammata*, as letras. A voz animal é "confusa", enquanto a voz humana é *énarthros*, "articulada", graças às letras que permitem escrevê-la: "a letra é aquilo que sempre pré-existe no hiato entre *phoné* e *lógos*, a estrutura primordial da significação.[16] Em *A voz humana*, Agamben escreve, então: "A linguagem humana é constituída através de uma operação sobre a voz, que a 'articula' (*artron* – de *ararisko* – é a junta, a articulação das partes de um corpo que o torna apto a desempenhar sua função), inscrevendo nela as *grammata* como seus elementos. Essa 'articulação', que torna a voz inteligível e significativa, é, na verdade, escrita alfabética".[17] Aqui, Agamben especifica que "também em humanos há uma voz distorcida como 'riso, assobio, soluço', mas essa voz que não pode ser escrita, agramática, não tem nada a ver com a voz que foi apreendida com letras (...), *que é a voz propriamente humana*".[18] Essa especificação costuma ser usada por Agamben como uma crítica à gramatologia derridiana, que reivindica a primazia da *gramma* sobre a voz e, portanto, não supera, mas repete, para Agamben, a estrutura metafísica original.[19]

O problema dessa estrutura dividida e dual é que uma das duas partes (a voz, no caso) é sempre pressuposta como um substrato incognoscível e inominável, que deve desaparecer e "recluir-se" para que a outra parte, a "substância" cognoscível e nomeável (aqui o *lógos*, discurso articulado) possa emergir. Essa estrutura pressuposta sempre leva à sujeição e ao domínio de uma parte sobre a outra (do *lógos* sobre a voz), sujeição e domínio que devem ser desativados e superados numa perspectiva salvífica. Começando com *Homo sacer*, Agamben enxerta em sua leitura tradicional de Aristóteles a estrutura de exceção derivada de Carl Schmitt, segundo a qual a operação que articula a passagem

[14] Agamben, *La voce umana*, p. 19. Esta é a única referência que Agamben faz às linguagens animais em *A voz humana* – mas em trabalhos anteriores não há muitas outras. De fato, esta tese é repetida acriticamente, como em "Experimentum vocis" (*O que é filosofia?*, p. 14): "desde sua origem, a linguagem humana passou por uma série de cisões, que não encontram paralelo em nenhuma linguagem animal." Achamos importante ressaltar que Agamben, mesmo em seus trabalhos mais recentes, quase nunca se interessa por estudos etológicos ou filosóficos de linguagens não humanas, limitando assim sua pretendida reinterpretação de Aristóteles e dos gramáticos e linguistas da tradição ocidental.

[15] Geulen, *Giorgio Agamben zu Einführung*, p. 76.

[16] Agamben, *Infancy and history*, p. 8.

[17] Agamben, *La voce umana*, p. 43.

[18] Agamben, *La voce umana*, p. 31, destaque nosso.

[19] Cfr. e.g., Agamben, *La voce umana*, pp. 79-80; Agamben, *What is philosophy?*, pp. 19-20.

da voz para o *lógos* através do desaparecimento da voz leva o nome schmittiano de "exclusão inclusiva" – que é quase *a matriz transcendental* de todas as análises de Agamben desde a década de 1990.

A introdução de *Homo sacer* relê a passagem da *Política* sobre a transição da voz para o *lógos* de uma perspectiva schmittiana, enfatizando a ligação, já presente e nítida em Aristóteles, entre linguagem, humanidade e política:

> O vivente possui o *lógos* tolhendo e conservando nele a própria voz, assim como ele habita a *pólis* deixando excluir dela a própria vida nua. A política se apresenta então como a estrutura, em sentido próprio fundamental, da metafísica ocidental, enquanto ocupa o limiar em que se realiza a articulação entre o ser vivente e o *lógos*. A "politização" na vida nua é a tarefa metafísica por excelência, na qual se decide da humanidade do vivente homem (...). A política existe porque o homem é o vivente que, na linguagem, separa e opõe a si a própria vida nua e, ao mesmo tempo, se mantém em relação com ela numa exclusão inclusiva.[20]

A estrutura pressuposicional da linguagem, como exclusão inclusiva, dá origem e determina a estrutura de todos os outros aparelhos de exceção, e em particular o do direito. Agamben escreve:

> A linguagem é o soberano que, em permanente estado de exceção, declara que não existe um fora da língua, que ela está sempre além de si mesma. A estrutura particular do direito tem seu fundamento nesta estrutura pressuponente da linguagem humana. Ela exprime o vínculo de exclusão inclusiva ao qual está sujeita uma coisa pelo fato de encontrar-se na linguagem, de ser nominada.[21]

Esses refinamentos das teses iniciais retornarão de forma consistente em todas as elaborações subsequentes da teoria de linguagem de Agamben. Nos últimos anos, a analogia entre o estado de exceção político que produz a "vida nua" e o estado de exceção linguístico recebeu um novo refinamento que visa enfatizar o fato de estarmos falando da mesma estrutura. No comentário de Amônio de Hérmias a Aristóteles, Agamben encontra a expressão "voz nua" (*phoné haplos*), que, assim como a "vida nua", corresponde àquilo que é excluído-incluído do *lógos* (e da *pólis*) para que este último possa emergir:

> Assim como a vida natural do homem está incluída na política através de sua própria exclusão na forma de vida nua, também a linguagem humana (que funda, no fim das contas, de acordo com Aristóteles – *Política* 1253a 18 – a comunidade política) acontece através de uma exclusão-inclusão da "voz nua" (*phoné haplos*, nas palavras de Amônio) no *lógos*.[22]

Essa estrutura tem consequências importantes não apenas para a teoria política de Agamben, mas também e sobretudo, como emerge em *A voz humana*, para sua definição do humano (que, aliás, é um problema requintadamente político), que também se constrói, como veremos, na estrutura da exceção. A exclusão inclusiva da voz no *lógos*

---

[20] Agamben, *Homo sacer*, p. 8. [Nota da tradução: *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua, I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002. Pp. 15-16].

[21] Agamben, *Homo sacer*, p. 21. Em *Il linguaggio è il sovrano*, Carlo Salzani explorou especificamente o elo pressuposicional entre linguagem e política. [Nota da tradução: *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua, I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002. P. 29].

[22] Agamben, *La voce umana*, p. 59. See also Agamben, *What is philosophy?*, p. 19.

é aquilo que, em última análise, torna o ser humano um ser "excepcional", mas é também o que lhe nega, de acordo com Agamben, uma "natureza" estável e definida. É por isso que, como argumentaremos na próxima seção, na construção teórica agambeniana, a *humanidade* é algo que sempre permanece *inalcançável*.

3. Humanidade inalcançável

Desde o início, Agamben identifica a transição do animal para o humano – o que mais tarde chamará de "antropogênese" – na articulação entre *phoné* e *lógos*.[23] Em *A voz humana*, este se torna o foco central e explícito de todo o problema da voz. Agamben escreve: "O problema da natureza humana encontra na voz o seu *locus*, e qualquer tentativa de defini-lo deve necessariamente enfrentar o problema da articulação entre *phoné* e *lógos*".[24] Agamben repete assim o gesto tradicional de definir a humanidade do humano em relação à linguagem, mas, contra a tradição metafísica do *zõon lógon échon*, em certo sentido, ele acaba invertendo seus termos. "Se a natureza humana não é algo que pode ser pensado independentemente da linguagem", ele diz, "é porque, como foi apropriadamente sugerido, linguagem é 'a forma espiritual e a incorporação histórica do homem que se torna humano'". Essa é uma citação de Johannes Lohman's, *Philosophie und Sprachwissenschaft*, e sobre ela Agamben constrói sua tese (certamente não nova, mas rearticulada e refinada) de que "o tornar-se humano do homem tem a forma da linguagem". Mas como a linguagem tem uma estrutura dividida, também a "antropogênese está constitutivamente cindida, tão quebrada e dividida quanto a linguagem humana".[25] E assim "o sujeito falante – o *homo sapiens loquendi* – está tão dividido quanto a linguagem".[26]

Como vimos, a estrutura binária da linguagem humana é o paradigma e a origem de toda estrutura de excepção, e assim a antropogênese e a natureza humana também apresentam essa forma: assim como o *lógos* está articulado sobre a *phoné* num processo de exclusão inclusiva, também o humano está articulado sobre no animal, cultura sobre natureza, a *pólis* sobre a vida nua.[27] Cumpre ressaltar que esses não são apenas processos análogos, mas são de fato nomes diferentes para *o mesmo processo*: a articulação entre *phoné* e *lógos* já é intrínseca e simultaneamente antropogênese, aculturação, e a fundação da comunidade humana. Segundo Agamben, essa estrutura torna a natureza humana muito "difícil de compreender", e isso ocorre porque os dois termos da estrutura não são substâncias dadas de uma vez por todas.[28] A articulação entre *phoné* e *lógos* é problemática, instável e contingente, e consequentemente a natureza humana também o é.

Agamben propõe, então, uma tese que constitui o cerne de sua interpretação da natureza humana (e, portanto, também o núcleo teórico tanto de *O Aberto* e de *A voz humana*): "Antropogênese – o tornar-se humano do primata *homo* – não ocorreu de uma

[23] Em *Agamben e l'animale*, Ermanno Castanò ilustrou e explorou essa estrutura recorrente nos principais trabalhos de Agamben.
[24] Agamben, *La voce umana*, p. 58.
[25] Agamben, *La voce umana*, pp. 58-59.
[26] Agamben, *La voce umana*, p. 60.
[27] Cf. Agamben, *La voce umana*, p. 59.
[28] Agamben, *La voce umana*, p. 60.

vez por todas em um arquipassado pré-histórico: é um processo que ainda está em curso, que nunca cessa".[29] Já desde *Infância e História*, Agamben vem argumentando que a aquisição da linguagem – a articulação entre *phoné* e *lógos* – é um processo contingente que precisa ser incessantemente promulgado, e é também, como tal, invariavelmente adiado e atualizado. Essa tese não é imediatamente óbvia. Ela certamente ajuda a explicar como, historicamente, a definição de humano sempre foi um aparato político de inclusão e exclusão para demarcar os limites da comunidade, como explica Agamben em *O Aberto* e repete em *A voz humana*.[30] Mas ao mesmo tempo essa tese constrói uma oposição entre o humano e o não-humano, extraindo (como uma exceção – de *ex-capere*) o humano da massa supostamente uniforme de animais não-humanos, assim como o *lógos* é extraído da *phoné* que é arbitrariamente construída como uniforme. Voltaremos a esse ponto em breve.

O ponto central, de toda forma, é que a antropogênese é, para Agamben, "uma operação histórica": "homem", ele escreve, "é o ser vivente que só pode acessar sua natureza através da história".[31] Assim, a história também é um produto da articulação entre *phoné* e *lógos* – o que significa, muito tradicionalmente, que apenas os seres humanos têm uma história. Nesses escritos, Agamben não contrasta explicitamente o humano e o não-humano (como ainda fazia nas décadas de 1970 e 1980),[32] mas esse contraste é, no entanto, o resultado implícito de toda a sua arquitetura teórica. Outra diferença fundamental com o não-humano, e consequência da historicidade de sua natureza, é que o humano "nunca tem certeza de que o compreendeu de uma vez por todas, sua natureza pode sempre lhe escapar".[33] A principal tese de *A voz humana* é a de que

> A natureza humana e a linguagem são os dois termos de um problema que não pode ser resolvido, pois coincide com a história da espécie humana. A espécie humana tem uma história porque não consegue se conciliar com sua natureza, e não o consegue porque essa natureza está inseparavelmente ligada a um elemento exossomático, ele próprio dividido: linguagem. A tentativa milenar pela qual humanos tentam chegar à sua própria natureza através de uma operação histórica só pode falhar em seu propósito.[34]

"O homem [*sic*]", portanto, "nunca cessa de tornar-se humano e permanece animal e inumano".[35] Isso significa que a natureza humana é e permanece *elusiva e inalcançável*: "E igualmente elusiva é a linguagem – o *lógos* em que o humano articulou e perdeu sua voz – preso como está num processo inexaurível de transformação, de morte e

[29] Agamben, *La voce umana*, p. 60. Cf. Agamben, *The Open*, p. 79.
[30] "O problema da voz – na medida em que nela está em questão a definição da natureza humana – é um problema essencialmente político, em a decisão sobre o que é humano e o que não é está o tempo todo em jogo" (Agamben, *La voce umana*, p. 60).
[31] Agamben, *La voce umana*, p. 61.
[32] Por exemplo, em *On potentiality* ["Da pontencialidade"] um artigo originalmente apresentado em 1987, Agamben escreve: "Outros seres vivos são capazes apenas de sua potencialidade específica; eles só podem fazer isso ou aquilo. Mas os seres humanos são animais capazes de sua própria impotencialidade. A grandeza da potencialidade humana é medida pelo abismo da impotência humana" (Agamben, *Potentialities*, p. 182, ênfase no original).
[33] Agamben, *La voce umana*, p. 59.
[34] Agamben, *La voce umana*, p. 61.
[35] Agamben, *La voce umana*, p. 88.

renascimento, que assim permanecerá para além de qualquer tentativa de fixá-lo para sempre numa gramática".[36]

Essas teses não falham em nos deixar confusos. A forma como um ser pode *falhar em apreender* sua própria *natureza* não é algo imediatamente aparente, nem pode ser explicado fora desse quadro argumentativo. Agamben também não explica em que consistem humanidade e animalidade fora do aparato de articulação entre *phoné* e *lógos* (e natureza e cultura, natureza e história, etc.), o que é, de todo modo, dado como certo e tomado como pressuposto de toda a análise. No fim das contas, o que Agamben quer dizer é que o ser humano é um ser "potencial", livre (e liberado) de determinações fixas e a-históricas que aprisionam (em sua opinião) a *natureza* de outros seres viventes, e é, assim, um *ser livre* (enquanto todos os outros são prisioneiros da necessidade biológica) – tese central que ele repete desde a década de 1970 e que a "virada biopolítica", e especialmente as teses propostas em *O Aberto*, apesar das muitas aberturas antropo*de*cêntricas para o não-humano, parecem não ter se modificado.[37] Igualmente tradicional é o gesto de transformar uma (suposta) falta (a de uma natureza estável, plena, imediata) em um traço em última análise positivo, porque é o que, no fim das contas, dá aos seres humanos sua liberdade *excepcional*.[38]

Agamben conclui essa discussão com um gesto característico de sua crítica filosófica, a saber, o de apontar a necessidade de superar as divisões e rupturas da metafísica (que, na prática, coincide com a história humana) para chegar a uma nova unidade salvífica: "algo como uma natureza humana – uma voz – só poderá surgir detendo e desativando a máquina antropogenética que trabalha ininterruptamente".[39] Então, natureza humana e voz humana, que aqui foram feitas para coincidirem, só e finalmente emergirão quando a cisão entre *phoné* e *lógos* estiver recomposta. E isso só será possível desativando a máquina antropológica que, como Agamben argumenta em *O Aberto*, só pode produzir formas de humanidade instáveis e "falsas" e vida nua. Sergei Prozorov argumenta, por esse motivo, que essa interrupção e desativação constituiria, na verdade, uma "reversão da antropogênese", levando à indiferença da distinção entre humano e não-humano, e entre a voz humana e o fretenir da cigarra, ou o zurro do jumento.[40]

A detenção e a desativação de divisões nos conduziriam, assim, à superação do excepcionalismo humano que ainda persiste no pensamento de Agamben. Poder-se-ia legitimamente questionar, contudo: se Homem e Animal são de alguma forma produtos do dispositivo de exceção, até que ponto é possível pensá-los para além dele? A excepção é aquilo que a desativação da máquina antropológica certamente deveria superar (mesmo se a desativação enquanto tal não eliminasse as diferenças). Kevin Attell propõe aqui uma

[36] Agamben, *La voce umana*, p. 88.

[37] Sobre a persistência de um certo antropocentrismo em Agamben, ver Salzani, *Agamben and the animal*; Salzani, *Gli animali di Agamben*.

[38] A esse respeito, Derrida, em *O animal que logo sou* (*The animal that therefore I am*, p. 20) escreve: "é paradoxalmente com base em uma falha ou um defeito do homem que este se fará um sujeito mestre da natureza e do animal. De dentro dessa falta, uma falta eminente, uma falta bem diferente daquela que ele atribui ao animal, o homem instala ou reivindica de uma só vez sua propriedade (a peculiaridade [*le propre*] de um homem cuja propriedade é mesmo não ter nada que seja próprio dele), e sua superioridade sobre o que é chamado de vida animal. Esta última superioridade, infinita e por excelência, tem como propriedade o fato de ser ao mesmo tempo incondicional e sacrificial."

[39] Agamben, *La voce umana*, p. 61.

[40] Ver Prozorov, *How to Chirp Like a Cricket*.

leitura interessante: ele argumenta que a desativação levaria à superação da visão do humano como "exceção soberana" (o que ele é agora), mas preservando sua diferença (e talvez todas as diferenças) como "exceção efetiva", isto é, como poder puro, no sentido de elevação ao poder do poder que é o próprio vivente.[41] Essa pode ser a intenção mais íntima de Agamben, mas o filósofo nunca lhe dedica tratamento explícito e, em vez disso, tende a escorregar cada vez mais para uma ênfase sobre o que é "propriamente humano", onde o animal não-humano serve apenas como pano de fundo e contraste.

4. Desativando a linguagem

Assim como os termos da "questão da voz" seguem praticamente inalterados desde o início, também a solução do problema já esteve explicitamente formulada todo este tempo, e retorna nos mesmos termos em *A voz humana*: "Um posicionamento correto do problema da voz só vai ser possível desativando o aparato de *phoné/logos*, linguagem/fala, nomes/discurso, através do qual a voz esteve incluída-excluída na linguagem. Apenas nesse ponto é que algo da ordem da voz pode surgir".[42] Às vezes essa desativação parece ir na direção da "reversão da antropogênese" sugerida por Prozorov, como na (para alguns surpreendente) conclusão de *O sacramento da linguagem*:

> Talvez seja tempo de pôr em questão o prestígio de que a linguagem gozou e continua a gozar na nossa cultura, como ferramenta de incomparável potência, eficácia e beleza. E, porém, considerada em si mesma, não é mais bela que o canto dos pássaros, não é mais eficaz que os sinais trocados por insetos, não é mais poderosa que o rugido com que o leão afirma seu domínio.[43]

Na maior parte das vezes, a solução é posta em termos de uma desativação do significado, e o local primário dessa desativação sempre foi, para Agamben, a poesia. Desde os escritos das décadas de 1970 e 1980, de *Stanze* a *Linguagem e morte* e *Ideia da prosa*, e de modo preponderante nos ensaios de *O fim do poema*, a poesia é tomada como modelo de palavra que desativa as funções comunicativa e informacional da linguagem e expõe, assim, sua pura "medialidade". Em *O reino e a glória*, encontramos, por exemplo, esta definição: a poesia marca o ponto em que a linguagem "repousa em si mesma, contempla seu poder de dizer [*potenza di dire*] e se abre, desse modo, ao uso novo, possível".[44]

Em *A voz humana*, o paradigma da poesia é evocado na análise do vocativo,[45] que constitui uma instância de linguagem que chama ou invoca a coisa nomeada e, assim, situa-se entre o semiótico e o semântico, e, como tal, desnuda e vira de cabeça para baixo a "cisão da linguagem em dois planos distintos".[46] Através do vocativo, a linguagem busca apreender o que constitutivamente a excede: "Esse algo, esse elemento que chama e não significa, tem a ver com a voz", isto é, com a voz "em seu chamado puro, como se fosse o

[41] Attell, *Beyond the threshold of deconstruction*, p. 173.
[42] Agamben, *La voce umana*, p. 62.
[43] Agamben, *The sacrament of language*, p. 71.
[44] Agamben, *The kingdom and the glory*, pp. 251-52.
[45] Agamben, *La voce umana*, pp. 18-19.
[46] Agamben, *La voce umana*, p. 19.

factum nominis ou, melhor, o *factum vocis*".[47] Um caso análogo ao vocativo é o da onomatopeia: essa é a forma não relacionada tanto do signo quanto do significado, uma forma agramatical que interrompe o curso normal da sentença. É precisamente esse o seu uso, por exemplo, na poesia de Giovanni Pascoli, em que "a voz do animal desliza para a linguagem na mesma medida em que esta se transforma em voz animal".[48] Tanto nas onomatopeias quanto nos vocativos, "o que chama só pode ser uma voz. [Onomatopeias e vocativos] são a forma como a língua italiana, ao interromper-se, evoca e chama dentro de si a linguagem dos pássaros ou das rãs – ou, ao contrário, deixa-se chamar por ela".[49]

Nesses casos de desativação da significação, o que emerge é a voz como puro "lugar" ou "matéria" da linguagem,[50] e só nesse sentido ela pode ser sua origem. Agamben insiste, em suas conclusões, sobre este ponto: "A voz é *chóra* – isto é, o acontecer e a matéria da linguagem" no sentido de que é seu "ser-em, materializando-se [*materiarsi*] e acontecendo".[51] Em outras palavras, a voz é o que, permanecendo nela não dita, dá lugar à linguagem, dissemina seus elementos em seu fluxo ininterrupto: *forma fluens*, só nesse sentido matéria, porque só a matéria flui, só a voz é fontal".[52] Evocando as observações de Walter Benjamin sobre a mimesis, a voz pode ser definida como "aquilo que surge quando tanto apóstrofo quanto nomeação, tanto nomes quanto fala, perderam-se numa pura ditabilidade. Ao chamar, a voz imita e, ao imitar, chama – o quê? Outra voz? O canto de pássaros? A linguagem dos homens?"[53] Aqui, contudo, *A voz humana* interrompe abruptamente e quase deixa o sujeito cair em um questionamento filosófico que desemboca no verso poético.

Parece-nos que esse abandono algo precipitado do problema limita o alcance da proposta de Agamben. Porém, Agamben já havia apontado para outra "saída" possível e fecunda, uma que também conseguiria transportar a "questão da voz" para além dos cardumes do excepcionalismo humano que tanto luta para atravessar. No apêndice de *O que é filosofia?*, intitulado "A música suprema. Música e política", Agamben recusa o pensamento da "voz nua" (como a voz inarticulada dos viventes) na ideia da voz como *canção* e, assim, como *música*. Relendo Platão e o papel das canções comunitárias na *pólis* ateniense, e contra a suposta primazia do *lógos*, Agamben afirma que "a abertura primária do homem ao mundo não é lógica, mas sim musical."[54] O aspecto musical da voz é, nesse sentido, o ponto no qual a linguagem está em contato com o ser, isto é, com o acontecer da fala, e cantar "simboliza a impossibilidade de apropriação integral da linguagem pelo ser falante, na qual fez seu adubo vital".[55] Um aspecto importante dessa abordagem é que o cantar como voz nua não é necessária e exclusivamente algo humano, e de fato desativa o excepcionalismo da articulação entre *phoné* e *lógos*. Mas, então, a questão da voz perderia essa importância distintiva na definição do humano que ela ainda retém, como o título claramente expressa, em *A voz humana*.

É aqui, portanto, chocando-se contra a pedra da voz nua como canção, que, parece-nos, em última instância, o pensamento de Agamben naufraga. Na verdade, o tema

[47] Agamben, *La voce umana*, pp. 73, 76.
[48] Agamben, *La voce umana*, p. 39.
[49] Agamben, *La voce umana*, p. 38.
[50] Agamben, *La voce umana*, p. 56.
[51] Agamben, *La voce umana*, p. 62.
[52] Agamben, *La voce umana*, p. 63.
[53] Agamben, *La voce umana*, p. 64.
[54] Agamben, *What is philosophy?*, p. 100.
[55] Agamben, *What is philosophy?*, p. 99.

da "voz nua" nunca encontrou um espaço comparável ao da "vida nua" na obra de Agamben, da qual deveria ser modelo e contracanto. Em vez de continuar no caminho da canção e da música, os trabalhos mais recentes de Agamben marcam, ao contrário, um decisivo retorno à *escrita*, o que traz a questão da linguagem de volta à "letra"[56] e à "literatura".[57] No recente *Il corpo della língua* (O corpo da língua), Agamben afirma que toda filosofia tem seu naufrágio peculiar, do qual provavelmente não pode escapar. Acreditamos que a filosofia de Agamben naufraga precisamente na questão da voz: ao recusar o desenvolvimento da sugestão da voz como canção (que necessariamente teria conduzido para além do humano), seu pensamento não só abandona a obra para uma possível continuação por outros, mas também fracassa em encontrar aquela que é sua mais vívida intenção benjaminiana: a eliminação do indizível da linguagem. E o indizível é a voz.

[56] See Agamben, *Lo spirito e la lettera*.
[57] See Agamben, *Il corpo della lingua*.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer.: Sovereign power and bare life*. Trans. Daniel Heller-Roazen. Stanford: Stanford University Press, 1998.

AGAMBEN, Giorgio. *Il corpo della lingua. Esperruquancluzelubelouzerirelu*. Torino: Einaudi, 2024.

AGAMBEN, Giorgio. *Infancy and history: The destruction of experience*. Trans. Liz Heron. London: Verso, 1993.

AGAMBEN, Giorgio. La fine del pensiero. *In*: AGAMBEN, Giorgio. *Il linguaggio e la morte. Un seminario sul luogo della negatività*. Torino: Einaudi, pp. 137-139, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. *Language and death: The place of negativity*. Trans. Karen E. Pinkus and Michael Hardt. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. *La voce umana*. Macerata: Quodlibet, 2023.

AGAMBEN, Giorgio. *Lo spirito e la lettera. Sull'interpretazione delle scritture*. Vicenza: Neri Pozza, 2024.

AGAMBEN, Giorgio. *Potentialities: Collected essays in philosophy*. Trans. Daniel Heller-Roazen. Stanford: Stanford University Press, 1999.

AGAMBEN, Giorgio. *The kingdom and the glory: For a theological genealogy of economy and government*. Trans. Lorenzo Chiesa with Matteo Mandarini. Stanford: Stanford University Press, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. *The open: Man and animal*. Trans. Kevin Attell. Stanford: Stanford University Press, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. *The sacrament of language: An archaeology of oath*. Trans. Adam Kotsko. Stanford: Stanford University Press, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. Vocazione e voce. *In*: AGAMBEN, Giorgio. *La potenza del pensiero. Saggi e conferenze*. Vicenza: Neri Pozza, pp. 77-90, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. *What is philosophy?* Trans. Lorenzo Chiesa. Stanford: Stanford University Press, 2018.

ATTELL, Kevin. *Giorgio Agamben: Beyond the threshold of deconstruction*. New York: Fordham University Press, 2015.

CASTANÒ, Ermanno. *Agamben e l'animale. La politica dalla norma all'eccezione*. Aprilia: Novalogos, 2018.

CLEMENS, Justin. Language. *In*: in MURRAY, Alex; WHYTE, Jessica (eds.). *The Agamben Dictionary*. Edinburgh: Edinburgh University Press, pp. 116-19, 2011.

DERRIDA, Jacques. *The animal that therefore I am*. Trans. David Wills. New York: Fordham University Press, 2008.

GEULEN, Eva. *Giorgio Agamben zu Einführung*. Second expanded edition. Hamburg: Junius, 2009.

PROZOROV, Sergei. How to Chirp Like a Cricket: Agamben and the Reversal of Anthropogenesis. *In*: CIMATTI, Felice, and SALZANI, Carlo (eds.). *The Biopolitical Animal*. Edinburgh, Edinburgh University Press, pp. 76-91, 2024.

SALZANI, Carlo. Il linguaggio è il sovrano: Agamben e la politica del linguaggio. *Rivista italiana di filosofia del linguaggio*, n. 2015/1, pp. 268-280, 2015.

SALZANI, Carlo. *Agamben and the Animal*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2022.

SALZANI, Carlo. Gli animali di Agamben. *Aut aut*, n. 401, pp. 37-50, 2024.

SOBRE OS AUTORES

Carlo Salzani
Carlo Salzani é pesquisador convidado no Messerli Research Institut de Viena e membro do corpo docente do Paris Institut of Critical Thinking (PICT). Seus interesses de pesquisa incluem biopolítica, ética animal, estudos animais e estudos literários sobre animais. *E-mail*: carlosalzani@gmail.com.

Ermanno Castanò
Ermanno Castanò ensina filosofia e é autor de ensaios e livros sobre filosofia, ecologia, política e estudos animais. *E-mail*: ermanno.castano@gmail.com.